

## A Alemanha e o comunismo de Estado<sup>1</sup>

*Mikhail Bakunin. Locarno, Suíça. Março 1872.*

Sim, o socialismo que preconiza a emancipação das classes operárias pelo Estado, pelos Estados, por vários grandes Estados dos quais cada um, tendendo necessariamente a oferecer todas as condições econômicas, comerciais, políticas e estratégicas necessárias à sua conservação e ao desenvolvimento de sua larga existência, teria como consequência fatal a luta das nações e das raças, a negação mais completa e mais sangrenta da humanidade no seu exterior e, em consequência, a opressão mais tirânica e a exploração mais injusta internamente. Haverá, entre as diferentes raças na Europa, os latinos, os germanos e os eslavos, uma luta até à morte para decidir qual das três irá conquistar, subjugar, aniquilar, absorver os dois outros, e vão se estraçalhar e se destruir mutuamente enquanto uma nova invasão de dezenas ou de centenas de milhões de verdadeiros bárbaros vindos da Ásia, as incontáveis populações da China e do Japão reunidas, não os venham reconciliar ao submetê-los a uma igual escravidão. E enquanto isso, como esta terrível luta da reação na Europa vai precisar de um desenvolvimento formidável de forças militares, o militarismo, com todas as suas consequências e necessárias inimizades<sup>2</sup> políticas e sociais, estará mais do que nunca na ordem do dia. Mas não serão mais exércitos permanentemente separados das populações; não, serão as próprias populações, inteiramente transformadas em exércitos

---

1 NT: A presente tradução tem por base uma versão digitada do manuscrito original em francês, em que apareciam as quebras de página originais, passagens riscadas e outras indicações que foram retiradas para facilitar a leitura. Todas as notas de rodapé são do tradutor.

2 NT: Na versão francesa, “nécessités ennemités”. Talvez com “ennemités” o autor quisesse dizer “enemitiés” (“inimizades”), deve-se supor que também houve engano na primeira palavra (“nécessités”, “necessidades”), substituindo-a por “necessaires” (“necessárias”). Caso contrário, a expressão fica sem sentido, assim como a frase no geral.

permanentes, sob a ordem salutar da disciplina militar, como já vemos, hoje mesmo, na Alemanha e na Prússia. Eis a última palavra do sistema de Marx, a menos que os cidadãos pan-germanistas, que juram por Marx, consigam, realmente, concretizar para ele um imenso Estado internacional e centralizado ao mesmo tempo, a República universal – um absurdo que não vale nem a honra de uma refutação.

O verdadeiro sonho deles, com plena consciência de causa, é a hegemonia alemã, é a absoluta potência pan-germânica, primeiro intelectual e moral, e mais tarde material. E, neste sentido, eu os acuso positivamente de caminhar e de agir, não em harmonia, não de acordo, mas paralelamente com Bismarck, e para o mesmo objetivo que ele, embora através de vias diferentes. Não me será difícil prová-lo.

Em primeiro lugar, todos os marxianos, enquanto partidários do materialismo em filosofia, são darwinistas. Eles aplicam, com muita razão, penso eu, à história, aos desenvolvimentos econômicos e políticos dos povos, a lei de Darwin, a do combate pela existência. Até aí, eu, pelo menos, não tenho nada a contestar, pois também creio que esta lei rege tão fatalmente esta parte da vida natural que chamamos de história humana quanto os desenvolvimentos da natureza propriamente dita, ou física. Eu também repudio este sentimentalismo, nos estudos da história passada, presente e futura, que consiste em apegar-se a existências que, por suas próprias incapacidades de existir e de se manter, estão fatalmente condenadas a perecer. Apenas diferencio-me profundamente deles em relação às conclusões práticas atuais que eles desejam tirar deste princípio. E a conclusão fundamental deles é esta: somente a raça germânica, inclusive as populações anglo-saxônicas da Inglaterra e da América, inclusive as da Holanda e da Escandinávia, tem agora a capacidade de existir, a energia para se expandir e para se desenvolver, e conseqüentemente só ela se mantém, doravante, enquanto representante legítima da humanidade.

As conseqüências deste princípio, desta falsa e inumana, mas muito arrogante afirmação, são fáceis de deduzir: 1º) Todas as populações propriamente germânicas que foram separadas da grande pátria tedesca apenas em conseqüência de infelizes incidentes da história devem voltar para ela: a Holanda, uma grande parte da Bélgica, os três quartos da Suíça e toda a Escandinávia, devem voltar a ela para formar um só grande Estado republicano, fortemente centralizado, único proprietário e capitalista para todos, e, apesar de tudo, popular. Não digam que eu estou sonhando. Não, a própria Internacional, germanizada pelos cuidados deles, faz hoje, ostensivamente, este trabalho de unificação pan-germânica. Vocês leram o programa e os regimentos das seções internacionais da Dinamarca? Pois bem, eu os desafio a encontrar algo mais absorvente e mais tirânico. Estes internacionais aí não

se revoltarão contra a suprema direção de Marx. E veja o que acontece hoje mesmo na Suíça. Vocês têm conhecimento, sem dúvida, desse famoso projeto de reforma da Constituição Federal que acabou de ser votado pelos representantes do povo suíço em Berna, e que vai ser submetido, a 12 de maio, à votação do próprio povo. É muito provável que este projeto seja aceito pela maioria dos cantões. Pois bem, este projeto é nada menos que a morte da liberdade e, por isto mesmo, da existência independente e separada da Suíça.

Julguem por vocês mesmos: sob o pretexto de consolidar os laços políticos e sociais das populações diferentes que constituem o ser fictício que é chamado de povo suíço, ele tende a nada menos do que concentrar todos os poderes entre as mãos do governo federal. Doravante, não somente a suprema direção das questões políticas, judiciárias e econômicas, mas também o poder legislativo, o de fazer as leis obrigatórias para todos os cantões, pertencerá à Assembleia Federal, excluindo as assembleias cantonais. É verdade que, para acalmar as desconfianças das populações urbanas, foi posta nesta nova Constituição uma cláusula segundo a qual basta que 50 mil cidadãos suíços ou 5 cantões peçam o referendo, para que toda lei votada pelas duas assembleias federais (o Conselho Nacional, nomeado diretamente por todos os cidadãos suíços, sem distinção de cantão; e o conselho dos estados, no qual cada cantão, tomado à parte, é representado por dois deputados) seja submetida à aceitação ou à rejeição do povo reunido em comícios. É isto que esses bons alemães, os socialdemocratas da Alemanha, chamam de votação direta das leis pelo povo, uma mentira odiosa e pérfida; pois é evidente [que o povo]<sup>3</sup> não poderá discutir e nem mesmo compreender as leis que propõem à sua votação. Não terá nem o direito de emendá-las e deverá contentar-se, simplesmente, com adotá-las ou rejeitá-las, através de um sim ou de um não. Está claro que, nesta votação às cegas, ele será conduzido como um cego pela providência sempre intrigante e ativa dos políticos burgueses, ou, o que é pior ainda, dos operários que se tiverem elevado à altura dos políticos burgueses. É por isto que, no Congresso de Basileia, a maioria repeliu esta proposição, um verdadeiro presente de Ulisses ao povo troiano, e eis o que os socialdemocratas da Alemanha não querem nos perdoar. É por isto que eles nos acusam de fazer abstração da política. Sim, esta política que tem por objetivo a centralização dos poderes de Estado, a edificação desta mentira que eles chamam de Estado popular, desprezamos certamente, e só conhecemos uma política: aquela que traça um caminho reto para a abolição dos Estados.

Reconheço muito bem que a federação cantonal da Suíça não é, de modo algum, um ideal que possamos adorar. Como todas as organizações

---

3 NT: Esta provável lacuna está na versão digital francesa do manuscrito, e a expressão entre colchetes foi acrescentada pelo tradutor.

históricas de um passado de dominação nobiliárquica, primeiro, e mais tarde burguesa, é uma federação aristocrática e burguesa, feita para a exploração do trabalho popular pelas classes abastadas, e cuja própria base, a vila<sup>4</sup> histórica e presente, tal como ela é, contém desde já todos os germes desta exploração. A nossa federação é aquela das comunas socialistas, organizadas federativamente em cada lugar pelas associações operárias, industriais, agrícolas, comerciais e científicas. Os nossos cantões ou as nossas províncias serão menos províncias territoriais, e mais as autonomias dos mesmos setores de ocupação produtiva, formadas pela federação livre das associações autônomas de cada ocupação, ofício ou profissão. Consequentemente, não podemos ter carinho particular pela federação atual dos cantões da Suíça, e se nós a defendemos contra o sistema de centralização do poder político, é precisamente porque, do ponto de vista do Estado, é muito menos perfeita, menos flexível, menos poderosa que esta última; e tudo aquilo que diminui o poder do Estado, aumenta necessariamente a liberdade das populações.

O movimento que se produz atualmente na Suíça é muito interessante de se estudar. Naturalmente, os propagadores desta reforma em todos os cantões são os barões do Banco e todos seus dependentes, são os militares, os funcionários públicos, os professores, os advogados, os doutrinários de todas as cores, ávidos por grandes emolumentos, e por lucrativas e honoríficas posições e funções – numa palavra, toda a gente que, seja por direito de herança, seja por inteligência e instrução superior, acredita ser destinada a governar a ralé. Esta mania de centralização é um tipo de praga que invadiu a imensa maioria da classe esclarecida, e é engraçado ver como esta peste avança a cada dia. Alguns homens muito inteligentes e até muito honestos, que, ainda ontem advertidos pelos restos de um espírito independente e cioso da liberdade, fulminavam contra o novo projeto, hoje estão convertidos a ele. Nestes últimos dias, vi ao menos uma dezena destas conversões súbitas. Eis o que me disseram os mais honestos: “Veja bem, o projeto é sem dúvida ruim, ele nos repugna; mas, o que você quer, é evidente que passará, e já que deve passar, não seria melhor que nós votássemos a favor dele? Deste modo, teremos ganhado as simpatias, - eles têm vergonha de dizer que cairiam nas boas graças - daqueles que estarão no topo do poder e poderemos fazer alguma coisa útil para nossa localidade, para nosso cantão”. “De resto, acrescentam, a autonomia dos cantões não está sendo completamente sacrificada, já que o projeto deixa intacto o Conselho de Estados no qual cada cantão encontra-se separadamente representado”. E esquecem de acrescentar que

---

4 NT: Em francês, “commune”. Esta palavra possui diversos significados, inclusive o de “comuna”, no sentido da Comuna de Paris. Neste caso, trata-se de uma realidade “histórica e presente” da época; portanto, provavelmente, das aglomerações e suas organizações empíricas: vilas ou aldeias.

este mesmo Conselho de Estado[s]<sup>5</sup>, esta última trincheira da autonomia cantonal, é questionado pelos fabricantes, pelos terríveis centralizadores, dos cantões alemães.

E sabem quem, mais do que todos os outros, questiona sua existência? São as classes operárias da Suíça alemã: os socialdemocratas dos cantões de Zurique, de Basileia e outros – e os operários alemães de uma associação operária exclusivamente suíça chamada Grütli-Verein, todos dois, uns diretamente, os outros indiretamente, inspirados pelo programa político-socialista dos Internacionais da Alemanha, ou seja, de Marx.

Sim, as seções internacionais da Suíça alemã - mais que intimamente ligadas com as associações operárias da Alemanha, dirigidas pelos Liebknecht, pelos Hepner e por muitos outros chefes e subchefes, literatos<sup>6</sup> burgueses que brincam de socialismo, dos quais três quartos, pelo menos, são judeus, e obedecem, em última instância, à suprema direção de Marx - sim, são os internacionais alemães da Suíça que pedem a completa abolição da autonomia cantonal e a inauguração do Estado centralista e supostamente popular na Suíça, com o sufrágio universal e o voto direto das leis pelo povo.

Sabem o que isto significa? Nem mais nem menos que a germanização de todos os cantões romanches<sup>7</sup> e italianos da Suíça. Contem aí:

De acordo com o almanaque de Gotha, para uma população de 2.670.000 habitantes, há na Suíça, mais ou menos:

1.843.000 alemães	640.000 franceses
	144.000 italianos
	42.000 romanches
	<hr/>
	826.000 não alemães

Assim, a população alemã é mais que o dobro da população não alemã, o triplo da população francesa, e cerca de treze vezes mais forte que a população italiana. Até agora, as populações não alemãs puderam salvaguardar sua autonomia nacional precisamente graças à Constituição Federal dos Cantões. Mas, uma vez que esta Constituição for abolida e substituída pelo poder centralista, não há razão, não há possibilidade, de a raça alemã não esmagar as

5 NT: A letra “s” foi inserida pelo tradutor.

6 NT: O termo original “littérateurs” tem sentido pejorativo.

7 NT: Povo que fala a língua neolatina romanche, também chamada de reto-romanche, uma das quatro línguas nacionais da Suíça.

duas outras raças principais da Suíça. A maioria, esta última palavra do sufrágio universal, será sempre alemã, e como é da natureza de toda centralização política aumentar necessariamente suas prerrogativas, sua ação, seu poder, em poucos anos as leis e os executores da lei, os funcionários públicos, e a língua oficial, obrigatória para todos os cidadãos suíços, tudo isto vai se tornar alemão.

Toda a Suíça vai se tornar uma província germânica. Vai tornar-se de fato, pois mais cedo ou mais tarde, e provavelmente mais cedo do que tarde, ela vai se ver incorporada à Alemanha.

O argumento principal do qual se utilizam os centralizadores é a necessidade evidente, eles dizem, de reforçar, de aperfeiçoar e, conseqüentemente, de centralizar o sistema de defesa nacional, o exército suíço, para que se torne capaz de enfrentar os imensos exércitos dos grandes Estados vizinhos. Vejamos se este argumento é sustentável.

Em um momento de crise, de dificuldade, a Suíça pode mobilizar um exército de 200.000 homens. Isto é imenso para uma população de 2.670.000, ou melhor, de 2.520.000 somente, porque sempre há na Suíça em torno de 150.000 estrangeiros. Portanto, 200.000 por uma população masculina de 1.260.000 homens, incluídas as crianças, os idosos e enfermos. Repito, isto é imenso, e basta que a Suíça mantenha em pé de guerra todo este exército para que em um ano, em dois anos, não haja mais Suíça. Ela morreria de inanição, por falta de trabalho e de comércio.

Este exército hoje é dividido assim:

		Todos os cidadãos Suíços
Exército Regular	83.531	de 20 a 30 anos
Reserva	50.418	de 30 a 40 anos
Landwehr	67.000	todos os cidadãos capazes de portar as armas até a idade de 44 anos e que não estão nem na reserva, nem no exército regular*.
Total	200.949	
* NT: Na versão francesa aparecia “landwehr” ao invés do equivalente a “exército regular”. Provavelmente há um engano aqui, pois o último parêntese refere-se, justamente, ao contingente que corresponde à Landwehr na coluna à esquerda.		

Você vê bem que é toda a população válida, a menos que se acrescentem, ainda, os jovens de 16 a 20 anos, e os homens de 44 a 50 anos. Depois não restará mais nada para acrescentar.

Pois bem, os centralizadores acham que este exército, que já é muito respeitável, muito belo, muito bem organizado, conforme o dizer de juizes muito competentes, não o é suficientemente. Eles acham que não é suficientemente disciplinado, nem suficientemente inspirado do espírito militar; não é suficientemente prussiano, numa palavra. Mas eles não lembram que, para formar soldados à prussiana, é preciso alemães, prussianos, ou seja, um povo de escravos; e que nenhum povo livre, enquanto queira permanecer livre, consentirá com a disciplina dos prussianos, nem poderá jamais se submeter a ela. Querem, portanto, prussianizar os soldados suíços; e como os soldados suíços são toda a população suíça, querem, portanto, prussianizar o povo suíço, transformá-lo em um povo de escravos.

Eis o primeiro efeito da centralização, isto é, da germanização. Vejamos agora o que poderão ganhar através desta reforma e através da centralização do exército suíço. Suponhamos que em todos os aspectos eles o tornem tão perfeito quanto os mais belos corpos do exército prussiano – suposição inadmissível, porque jamais conseguirão empurrar goela abaixo toda a disciplina prussiana aos soldados, aos cidadãos da Suíça, muito apaixonados pela sua liberdade; portanto só será empurrada pela metade, e os suíços só serão disciplinados pela metade, e jamais o povo suíço consentirá em dar, para as despesas de seu exército, tudo o que fazem o povo prussiano dar; portanto o exército suíço será organizado apenas pela metade; portanto, do ponto de vista da disciplina e da organização, o exército suíço será sempre inferior ao exército prussiano – isto, do ponto de vista do sistema prussiano, igualmente. Mas suponhamos, mesmo assim, que seja igual a este em todos os aspectos; o que é um corpo de 200.000, por mais perfeito que for, contra um exército de um milhão - e, se necessário, de um milhão e meio, e até dois milhões - que o Império Alemão pode constituir? É café pequeno, mixaria.

Dirão que por trás deste exército haverá o povo. Que povo? O povo inteiro não estará no exército. Haverá as crianças, os velhos, os enfermos, as mulheres, enfim, defendendo os seus lares. Ah sim! Tais milagres de defesa nacional, só nos países onde as populações gozam da maior independência local; mas esta independência é incompatível com o sistema da centralização, pois o primeiro efeito deste sistema é de matar todo espírito e toda energia espontânea das populações – a centralização as transforma em rebanhos cegos. O que encontraremos atrás deste exército disciplinado à prussiana será a traição dos banqueiros, dos grandes burgueses, dos grandes funcionários públicos, que acabarão achando que, no fim das contas, é muito mais lucrativo, para eles, fazer parte de um grande Império, onde as pessoas ricas, inteligentes, empreendedoras e hábeis, têm tudo a ganhar, a exploração das massas populares exercendo-se ali, logicamente, numa base muito mais

ampla que numa pequena república. Haverá, repito, o que estava por trás da defesa nacional na França – a traição.

Não existe já, em Zurique, na Basileia, entre os grandes figurões da indústria e do banco, um partido alemão, um partido bismarckiano? Enfim, para deixar claro, os dois jornais mais canalhas, mais santos, mais reacionários e mais bancocráticos da Suíça, o *Journal Gênevè* e a *Nouvelle Gazette de Zurique*, tomam, aberta e passionalmente, o partido da reforma centralista.

Toda a Alemanha política segue este movimento com uma satisfação que ela não esconde; e eis como o julga um jornal semi-oficial de Bismarck, o “*Berliner Tageblatt*”:

*“Os federalistas e os ultramontanos, estes inimigos do Império germânico, estão vencidos na Suíça. O princípio germânico venceu o princípio latino. A consequência desta vitória será uma inclinação mais simpática da Suíça pela Alemanha. A Suíça alemã, apesar da educação francesa das classes elevadas (?), permaneceu germânica. Com o tempo, uma vez que a Suíça se encontrar na impossibilidade de se manter no seu estado atual, separada, com suas três nacionalidades, toda a Suíça, o país das passagens alpinas, a cabeça-de-ponte da Europa central, passará integralmente à Alemanha. Mas a Suíça e a Europa não ganharão nada com isto, enquanto não for restaurado o velho Império germânico, cuja decomposição data do Imperador Maximiliano I, e enquanto todos os países que tenham feito parte dele não tiverem voltado para o colo da grande pátria germânica”.*

E não pensem que são apenas os jornais aristocráticos ou burgueses que raciocinam assim. Toda a imprensa da democracia burguesa da Alemanha está infectada hoje com este pan-germanismo voraz, o qual, se nos dermos ao trabalho de analisar as evoluções da opinião pública da Alemanha, a partir de 1815, entregará a chave dos maiores partidos dos movimentos políticos e pseudorrevolucionários que se sucederam daquela época em diante. E não só a democracia burguesa, infelizmente! O partido da democracia socialista fundado na Alemanha pelos discípulos de Marx, Lassalle primeiro, depois Liebknecht e companhia, o partido que recomenda aos operários da Alemanha que procurem sua emancipação pelo meio da transformação do Estado atual em um Estado popular, já contribuiu muito para fazer com que até mesmo as classes operárias participassem destas tendências. E sabem como ele lhes apresenta sua tendência? Sob um pretexto muito plausível, o da negação do princípio das nacionalidades, negação que seria perfeitamente justa se ela se fizesse em favor da internacionalidade, isto é, da humanidade, mas que se torna iníqua a partir do momento em que alguém a reclama em benefício de uma nacionalidade. Mas, como o Estado universal é impossível, negar as nacionalidades, o direito à autonomia das nacionalidades diferentes em favor do Estado, significa negá-los em proveito da nacionalidade que domina no Estado.



É o que fazem hoje, desencaminhados, infelizmente, pelos seus chefes, os operários alemães na Suíça e na Áustria. Eles são desencaminhados muito ingenuamente e, na maioria das vezes, sem nem perceber. São os chefes, apenas, que sabem aonde este princípio deve conduzir. Assim, não hesito em dizer que a maior parte destes chefes trabalha para o pan-germanismo na Internacional e através da Internacional, com plena consciência de causa; sem dúvida um pan-germanismo à maneira deles, não bismarckiano, mas que, a contragosto, sem dúvida, ajuda singularmente este último.

É assim que os operários alemães raciocinam, e vocês sabem que eles raciocinam sempre e muito, sendo por natureza, enquanto alemães, muito mais racionais que revolucionários; o espírito, ou melhor, o instinto prático e natural da revolta, o diabo que empurra os homens para os atos de emancipação, sempre lhes foi mais ou menos estranho. É um povo dotado de uma natureza piedosa, obediente e respeitosa. E apenas os camponeses da Alemanha, até aqui, mostraram, principalmente no século XVI, que as populações alemãs, se forem provocadas demais, podem, finalmente, revoltar-se também. Portanto, eis como os operários alemães raciocinam hoje: “A questão das nacionalidades é uma questão aristocrática e burguesa; ela deve ceder o terreno à grande questão da emancipação do proletariado; os operários de todas as línguas são irmãos”. Até aí, tudo bem – nós também dizemos a mesma coisa. Mas os operários alemães, empurrados pelos seus chefes, acrescentam: “Nós todos devemos nos unir, operários de línguas diferentes, para fundar um grande Estado popular, porque apenas o Estado, banqueiro e proprietário único, pode emancipar o proletariado, organizar, consolidar e proteger a igualdade e a justiça, ou seja, o trabalho popular”. Perguntamos, então: qual Estado? Seria o Estado universal, um Estado que abraçasse todo o mundo civilizado, pelo menos? Não, tal Estado é impossível. Portanto, querem vários grandes Estados separados – é a negação do internacionalismo - e separados por quê? De forma geográfica, etnográfica e histórica; pela raça, pela língua, pelos costumes, pelo caráter da civilização. Enquanto alemães, vocês querem, naturalmente um Estado alemão, não podem querer, nem mesmo compreender, algum outro. Mas, então, quando chamam os trabalhadores que falam outras línguas, ao invés da sua, para vir fraternizar com vocês sob a bandeira de um Estado redentor único, vocês os convidam a se deixarem pan-germanizar. Vocês querem que o Estado pangermânico popular de vocês, para o próprio bem do proletariado das outras nações, submeta estas nações a seu jugo. Vocês trabalham para o bismackianismo sem o saber, assim como o burguês fidalgo<sup>8</sup> faz prosa sem perceber.

---

8 NT: Referência ao título de uma peça teatral, “*Le bourgeois gentilhomme*” (*O Burguês Fidalgo*), de Molière.

Vou resumir. O princípio da maioria das nacionalidades torna-se justo, progressivo, favorável ao triunfo da humanidade, quando tem por corolário o da negação dos Estados. Torna-se um princípio anti-humano, conquistador, tirânico, a partir do momento em que se pretende conservar o Estado, os Estados.

Esta não é somente uma consequência lógica que deduzo para me divertir; estou constatando um fato. Os operários alemães, que se encontram em grande quantidade na Suíça, fazem hoje mesmo esta propaganda bismarckiana que tende, primeiro, a centralizar a Suíça para transformá-la, mais tarde, em um lanche para a Alemanha – e na Áustria, quanto aos eslavos, estão fazendo a mesma coisa.

Os operários alemães de Viena e de outras grandes cidades da Áustria retrocederam fortemente a partir de 1868. Em 1868, obedecendo aos seus próprios instintos, tinham declarado, numa reunião que se tornou famosa, que eles não eram e que nem gostariam de ser patriotas alemães; que não conheciam nenhuma outra pátria além do campo dos trabalhadores unidos do mundo inteiro, nem outros estrangeiros e inimigos além dos exploradores e opressores, mas do mundo inteiro. Não há mais, disseram, do que duas pátrias no mundo, a pátria dos trabalhadores e a pátria dos burgueses.

No começo do inverno passado, em uma reunião em Viena, aclamaram o grande Estado popular alemão, declarando que os eslavos que gostariam de se separar faziam o jogo da reação. Através disto, afastaram todo o proletariado eslavo, pois se os trabalhadores eslavos podem e devem lhes dar a mão no terreno do Internacionalismo, desentulhado de todos os Estados, não poderão nem consentirão jamais a serem amalhados sob a bandeira nacional do grande Estado pangermânico, por mais popular que ele se diga. Isto é claro como a luz do dia.

Como uma mudança notável e enfadonha pôde se produzir nos sentimentos dos operários de Viena, e isso no espaço de quatro anos? O cidadão Liebnecht passou por ali; ajudado por muitos chefes que se dizem populares, cujos três quartos, pelo menos, são literatos e publicistas judeus, conseguiu arregimentar o proletariado alemão das grandes cidades da Áustria, sob a bandeira do grande Partido da democracia socialista que os discípulos de Marx haviam fundado na Alemanha precisamente naquele ano.

É necessário que saibam que não há, na Alemanha, outra organização da Internacional além deste Partido da Democracia Socialista Operária. O programa deste partido é oposto ao seu<sup>9</sup>. Ele coloca, como meta imediata da agitação operária, a conquista do poder político, declarando que a liberdade po-

---

9 NT: O autor dirige-se ao destinatário de seu texto.

lítica é a condição prévia da emancipação econômica. Aliás, é completamente lógico; pois, a partir do momento em que ele pensa que a emancipação do proletariado e a organização do trabalho popular deve se fazer pelo Estado, e só pode ser feita por este, ele deve, antes de tudo, conquistar o poder do Estado. Para isto, faz agitação política, pressionando os operários alemães para enviar tantos representantes deste partido quanto for possível para o Parlamento do Império. Antes, eles tinham três ou quatro deputados de seu partido; recentemente eles tiveram somente um, Bebel, que fez discursos tão magníficos em matéria de eloquência quanto em matéria de impotência. Se tivessem 100, 200, 300 e ainda mais, ficam igualmente impotentes; primeiro porque um operário membro do parlamento deixa de ser um operário puro – é um homem de governo. Ele considera - mesmo que não queira, por pura força de sua posição - o povo, de cima, como uma massa mais ou menos tola ou passiva, que ele tem a missão de fazer feliz. E depois, porque na ordem política atual, em todos os países da Europa, os parlamentos não são mais nada; nada mais que válvulas de segurança para o Estado, ou máscaras atrás das quais se esconde o poder realmente despótico do Estado, fundado sobre o banco, a polícia e o exército.

Eu me deixei levar um pouco para fora do meu assunto. Eu disse que a doutrina professada pelos internacionalistas da Alemanha, Marx à frente, teve como primeiro efeito necessário a tendência ao retorno de todas as populações de raça mais ou menos germânica para dentro da grande pátria tudesca. O segundo efeito, igualmente necessário, é, novamente de acordo com o sistema de Darwin, a pan-germanização sucessiva e lenta, mas certa, segundo os doutores, das populações não germânicas da Europa, para sua própria felicidade.

Como, entre todas as raças humanas, a grande raça indo-germânica se poliu através do próprio desenvolvimento da história, como a representante real, legítima, única, da humanidade inteira, excluindo todas as outras raças, então, dizem, dentro da raça indo-germânica, a raça propriamente tudesca mostra-se, hoje, a única capaz de tocar mais para frente os progressos da humanidade. Se eles fazem uma exceção, não é, certamente, para nenhum povo da Europa, mas para um povo da raça semítica..., que teve a boa ideia de se identificar muito particularmente à nação alemã.

Que este é, de fato, seu julgamento em relação aos povos da raça eslava, eles o dizem todo dia, de forma clara demais para que seja possível duvidar. É a besteira, a pretensão histórica deles. Toda a história da Alemanha é propriamente uma luta contra a raça eslava – a Prússia, esta pedra angular do poder atual da Alemanha, não é nada além de um cemitério eslavo. Todos os alemães creem instintivamente que têm a missão de civilizar, isto é, de pan-

germanizar os eslavos. Esta ilusão pode<sup>10</sup> ter, para eles, consequências muito amargas. Os alemães, apesar de todos os horrores que cometeram contra as populações eslavas, não as conseguiram destruir. Hoje não é mais possível. A raiva que os alemães souberam despertar em todos os corações eslavos contra eles constitui a força e união das populações eslavas, e deu nascimento ao pan-eslavismo. Porque o pan-eslavismo não é nada além do produto negativo do pan-germanismo. Pan-germanismo e pan-eslavismo são igualmente detestáveis, mas cada um deles produz o outro, respectivamente; são tão inimigos e tão inseparáveis quanto o são a Igreja e o Estado.

Para destruir o pan-eslavismo e o pan-germanismo há somente um meio: é afogar, simultaneamente, todos dois na humanidade, através da abolição dos Estados.

Mas não é só a raça eslava; a raça latina é igualmente condenada pela consciência dos alemães. Eles acreditam firmemente que o tempo desta já passou. Eles não têm contra ela este ódio feroz que os anima contra os eslavos – ódio que é parcialmente escondido pelo temor instintivo de que os eslavos possam ser destinados, mais tarde, a eliminá-los, a substituí-los, ódio de velhos contra os mais jovens que eles – não, eles têm, pelos latinos, que consideram como mais civilizados, mais polidos, mais antigos na humanidade do que eles próprios, uma espécie de pena misturada com respeito. “Os povos latinos são bem velhos e totalmente esgotados, dizem eles para si mesmos, mas são tão gentis, tão agradáveis. Entretanto, com certeza acabarão morrendo, e nós somos incontestavelmente seus herdeiros, desde que os malditos eslavos, estes vis escravos que nós não conseguimos esmagar, não venham, cedo ou tarde, disputar a herança!”

Quem quer que tenha estudado um pouco seriamente os alemães deverá reconhecer que eu expressei seu verdadeiro ponto de vista, o sentimento mais íntimo de seus corações, sentimento que você encontrará em qualquer alemão pensante e politizante. E estaríamos muito equivocados se pensássemos que esta disposição se encontra somente na burguesia alemã; não, ela se encontra igualmente nesta parte do proletariado da Alemanha que sofre atualmente a influência, que acho muito infeliz, pernicioso, dos literatos, publicistas e políticos do Partido da democracia socialista. Todos estes cidadãos honoráveis e realmente dignos de simpatia e de estima sob muitos aspectos, todos estes chefes do novo Partido, representante do proletariado, por dentro, e da raça ascendente, por fora, professam, em relação aos fatos e aos homens revolucionários da raça latina, esta espécie de piedade ao mesmo tempo respeitosa e indulgente que os filhos bem nascidos têm em relação

---

10 NT: A versão francesa apresentava a palavra “pour” (“por”) ao invés de “peut” (“pode”), certamente um engano ou erro de digitação.

aos seus pais envelhecidos e condenados a morrer. Têm, para eles, todo tipo de elogios e consideração, com a condição, todavia, que não os empeçam de se desenvolver e de ir em frente, conforme sua vontade, e que, submetendo-se eles próprios às condições desta marcha progressiva do seu poder ascendente, se deixem, na realidade, conduzir por eles. Com esta condição, farão a eles todas as concessões honoríficas possíveis e vão deixar-lhes todas as aparências da iniciativa e da ação, desde que estes lhes deixem o poder real. São cheios de humanidade e de cortesia – na medida em que os alemães são capazes de serem humanos e polidos – são para eles cheios de consideração, porque estão convencidos que eles, os latinos, devem morrer em breve. Dizem prontamente: “nós, os germânicos, nós somos a raça jovem, vigorosa, bárbara, que as evoluções da história chamam hoje para substituir a sociedade latina e dar ao mundo uma nova civilização... Os latinos estão condenados a morrer e a ceder-nos espaço, mas sejamos cheios de respeito por eles, porque eles, afinal das contas, são os pais de nossa civilização”.

Não é esta a relação deles com a raça eslava. Esta raça pouco viveu no passado; atualmente ela é oprimida em todo canto, portanto é uma raça de futuro, portanto ela se apresenta como uma rival, e muito perigosa, na medida em que existe, em seu seio, hoje, apenas um sentimento unânime: um ódio profundo contra os alemães, seus eternos opressores. E embora os alemães reconheçam prontamente que é preciso um pouco de barbárie germânica para renovar a civilização decrépita dos latinos, os eslavos lhes parecem bárbaros por demais - e a prova é que os eslavos, abandonados a si mesmos, ao seu desenvolvimento autônomo, nunca souberam querer nem criar uma burguesia em seu seio, nem constituir um Estado. A natureza eslava, fundamentalmente hostil a estes dois elementos essenciais da civilização, tal como os alemães mais democratas e mais socialistas projetam, representa, portanto, a barbárie absoluta, a anarquia. Já se pode ver a consequência: de acordo com esta teoria, na marcha progressiva da história, a raça latina representava a aristocracia, a raça eslava, a ralé, e a raça alemã, a burguesia.

Pois bem, quanto aos alemães e os eslavos, acho que esta teoria se aproxima da verdade de forma bastante exata. A raça alemã, tal como se desenvolveu historicamente, no centro da Europa, tomou realmente a posição e o caráter da burguesia, e a raça eslava é efetivamente identificada com a ralé sempre esmagada e sempre explorada, seja pelas classes, seja pelos Estados estabelecidos nos países eslavos exclusivamente pelos alemães. E, ao ver a tendência que imprimem atualmente ao movimento socialista do proletariado da Alemanha, tendência que leva à fundação de um grande e onipotente Estado pangermânico, começo a pensar que uma aliança mais íntima entre o proletariado latino e eslavo vai tornar-se urgente, em vista da libertação real da Europa, e dos próprios alemães, da tirania inseparável da existência dos Estados.

Sabem como este ódio e este desprezo sistemático pelos eslavos são propagados atualmente pelos chefes do partido da democracia socialista no próprio seio do proletariado da Alemanha? Para sabê-lo, basta abrir o “Volkssstaat”, órgão oficial deste partido, redigido por Liebknecht sob a inspiração diretora de Marx. Em 1869 e 1870, ele publicou uma série de artigos, nos quais se encontrou desenvolvido o seguinte pensamento: os eslavos são uma raça essencialmente agrícola, por consequência retrógrada e reacionária. Devemos excluí-los da Internacional, porque eles permanecem completamente estranhos à civilização moderna, fundada na produção por meio dos capitais. Nunca tendo sabido desenvolver uma burguesia em seu seio, ficaram de fora deste movimento econômico da concentração dos capitais produtores entre as mãos burguesas; conseqüentemente, sua indústria, se é que existe, não é a grande indústria comandada pelos grandes capitais burgueses, a qual produz para o mercado mundial. É uma indústria bárbara, primitiva; para sair da gleba, primeiro precisam passar pelo monopólio burguês, que é a única coisa capaz de criar o dinheiro para a revolução moderna, o proletariado dos grandes estabelecimentos industriais e das cidades. Eles não têm operários, só têm camponeses; e nós estamos cansados de nossos próprios camponeses, não sabemos mais o que fazer com eles. Só se estivéssemos loucos nos incomodaríamos, ainda, com 100 milhões de camponeses eslavos.

A Internacional, como os comunistas autoritários da Alemanha a entendem, tende, evidentemente, à criação de uma nova classe dominante e, conseqüentemente, burguesa: a dos operários da indústria manufatureira e das cidades, imposta como classe governante, detentora do novo poder político, e como chefe coletivo, mas fictício, não real, do Estado, aos milhões que cultivam a terra. Digo fictício, não real, porque é evidente que, num grande Estado cuidadosamente centralizado, organizado e politicamente dirigido, não será nem mesmo a massa dos operários das cidades, mas somente seus chefes que poderão governar o Estado; isto, acima desta nova burguesia ou classe dominante, e conseqüentemente exploradora, dos operários das cidades, dará nascimento a uma burguesia menos numerosa e mais privilegiada ainda, a dos diretores, representantes e funcionários do Estado chamado popular.

Esta tendência dos operários das cidades de formar uma nova aristocracia, uma nova classe dominante ou política, é-lhes, infelizmente, inerente em mais ou menos todos os países do ocidente da Europa. Desenvolveu-se durante séculos, pela separação que se deu sucessivamente na história entre o desenvolvimento relativamente muito mais rápido das cidades e a estagnação relativa dos campos. Agravou-se através da influência que a burguesia exerceu sobre o proletariado das cidades e pela participação direta deste último em todas as evoluções da política burguesa até os dias de hoje. Resultou dela,

entre os trabalhadores do campo e os trabalhadores da cidade, uma aparência de antagonismo de interesses. O antagonismo real jamais existiu, e só existe entre a aristocracia proprietária da terra e a burguesia detentora dos capitais - e esta aparência fortaleceu-se pela vaidade tola e burguesa dos operários das cidades; na maior parte dos países da Europa ocidental, os operários das cidades imaginam que, do alto de sua suposta instrução, têm direito de desprezar a ignorância dos camponeses. Todos aqueles que fazem realmente questão do triunfo da revolução social devem deplorar esta separação nefasta que existe entre o proletariado das cidades e o proletariado dos campos. Todos os seus esforços devem tender a destruí-la, porque devemos estar, todos, bem conscientes de que enquanto os trabalhadores da terra, os camponeses, não tiverem dado as mãos aos trabalhadores das cidades para uma ação revolucionária comum, todos os esforços revolucionários das cidades serão condenados a fiascos inevitáveis.

Toda a questão revolucionária está aí: é preciso resolvê-la, ou então perecer.